

AS ARMAS DE DESTRUIÇÃO MACIÇA MAIS PERIGOSAS DO MUNDO

Posted on 17. Februar 2020

Um comentário de Rainer Rupp.

Faz hoje 20 anos, em protesto contra o assassinato em massa da população civil iraquiana, o diplomata alemão de alto nível Hans-Christof Graf von Sponeck renunciou ao cargo de chefe do programa de ajuda humanitária da ONU no Iraque, para o qual tinha sido nomeado em 1998. Com este movimento desesperado, ele quis chamar a atenção do público mundial para o terrível sofrimento da população civil iraquiana imposta arbitrariamente pelos EUA, uma consequência direta das sanções econômicas impostas por Washington desde a primeira guerra EUA-Iraque em 1990/91. O seu protesto foi - como era de se esperar - infelizmente em vão.

Nos anos anteriores, von Sponeck tinha defendido repetidamente o fim das sanções. A sua preocupação era separar a ajuda humanitária da questão do desarmamento exigida pelo Iraque. Ao fazer isso, ele se encontrou com a forte oposição dos EUA e seu cão de colo britânico Tony Blair, então primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Em vez disso, Londres e Washington acusaram-no de exceder a sua autoridade. Ambos os estados exortaram a ONU a substituí-lo. No entanto, o contrato de trabalho de von Sponeck foi pessoalmente prorrogado pelo Secretário-Geral da ONU pouco antes da sua demissão.

Hans von Sponeck foi uma das poucas vozes corajosas à frente da ONU que expôs sem medo a política de sanções assassinas em massa dos EUA e da Grã-Bretanha e acusou os governos de Londres e Washington de quererem fazer política com o sofrimento da população civil. Afinal, o objetivo dos belicistas ocidentais era usar as sanções e as tragédias humanas para desestabilizar a sociedade iraquiana e provocar o derrube de Saddam Hussein.

Como resultado da invasão iraquiana do Kuwait, os EUA e a Grã-Bretanha tinham imposto sanções econômicas abrangentes contra o Iraque no Conselho de Segurança da ONU, em Agosto de 1990. Os seus efeitos afectaram menos o aparelho do governo de Saddam Hussein. Em vez disso, eles provaram ser particularmente mortais para a população. O maior assassino foi a água contaminada. Para a Força Aérea Americana, alegadamente notória pela sua guerra "humanitária", tinha destruído deliberadamente os reservatórios de água potável do país, o que em si mesmo é um grave crime de guerra. E depois, durante

mais de uma década, Washington usou deliberadamente sanções para impedir a importação de materiais que teriam sido necessários para o reprocessamento das instalações de água potável no Iraque. O resultado foi que, devido à tentativa de água, especialmente as crianças, os idosos e os fracos estavam definhando em massa de doença.

O cinismo desumano dos belicistas "humanitários" americanos foi revelado de forma exemplar em 12 de maio de 1996, quando o noticiário "60 Minutos" da TV americana entrevistou a então embaixadora dos EUA nas Nações Unidas e posteriormente Secretária de Estado Madeleine Albright sobre a situação no Iraque pela apresentadora Lesley Steel. Como sempre, Albright falou sobre democracia, mercados livres e direitos humanos, que os EUA tiveram que trazer para o Iraque.

Mas com referência a um relatório da ONU publicado pouco antes que "meio milhão de crianças já tinham morrido" como resultado das sanções, o moderador perguntou "O preço vale a pena? Quero dizer, isso é mais crianças do que em Hiroshima." Albright respondeu: (1) "Acho que é uma escolha muito difícil, mas o preço vale a pena."

Na verdade, 500.000 crianças iraquianas mortas é quase cinco vezes o número total de mortos em Hiroshima. Esta arma sancionadora, que pode ser equiparada ao efeito das armas nucleares, tem sido utilizada desde então pelos EUA em muitos outros países com sucesso mortal.

Na verdade, nenhuma das armas de guerra usadas nas últimas décadas matou mais inocentes do que as inofensivas sanções económicas dos EUA, que são usadas contra todos os países que se recusaram a submeter-se à arbitrariedade do império americano. Para piorar a situação, o regime criminoso em Washington sempre conseguiu usar seu domínio na economia financeira global e acompanhado de ameaças de forçar até mesmo aliados relutantes a seguir as sanções dos EUA.

O fato de que esta chantagem ilegal e altamente criminosa dos EUA, combinada com o assassinato em massa de civis, ainda funciona, sem que se ouça um clamor de indignação no Ocidente dos valores, é atualmente demonstrado pelo exemplo das sanções contra o Irã, Síria, Venezuela, Coreia do Norte, etc.

Embora a supostamente tão forte e independente União Europeia tenha protestado contra o Irão por causa das sanções impostas pelos EUA, só o fez verbalmente. O ridículo programa da UE INSTEX (2), concebido para manter, pelo menos, a aparência das relações comerciais com o Irão, é tão ineficiente que não é necessária mais nenhuma explicação. O importante é que em todo o mundo as entidades económicas da UE sigam meticulosamente as ordens de sanção de Washington para escapar às pesadas e ameaçadas multas financeiras dos EUA, como as impostas pelo Presidente Obama ao maior banco francês em 2014.

Em julho de 2014, o grupo financeiro francês "BNP PARIBAS" foi condenado pela justiça norte-americana a pagar uma multa de 9 bilhões de dólares porque alguns anos antes tinha concedido empréstimos comerciais normais em dólares a empresas ocidentais para financiar exportações para Cuba e Irã. Segundo a lei francesa e da UE, isto não era absolutamente punível. O banco, apoiado pelo governo francês, lutou com unhas e dentes contra essa prática "injusta" de Washington. Em vão. No final, o banco confessou-se culpado perante um tribunal dos EUA e pagou a multa extremamente alta. Para o BNP Parisbas não havia alternativa, caso contrário teria sido excluído do acesso à indústria financeira norte-americana e à sua infra-estrutura internacional, o que teria significado o fim para ele como um banco que opera a nível mundial.

O então Secretário de Justiça dos EUA, Holder, elogiou a maior multa jamais imposta a uma empresa estrangeira por contornar as sanções dos EUA. Na verdade, são principalmente as ameaças de Washington de excluir empresas estrangeiras dos mercados financeiros e de commodities dos EUA que estão forçando o cumprimento internacional das sanções ilegais dos EUA. Este também é o caso atualmente com o Irã:

Por exemplo, o endurecimento repetido das sanções de Washington no último ano excluiu subitamente os idosos e doentes dos 80 milhões de pessoas do fornecimento de medicamentos que salvam vidas. Pois as ameaças de multas de bilhões de dólares americanos não deixaram de ter seu "efeito dissuasor" sobre as empresas farmacêuticas europeias e asiáticas e sobre os bancos através dos quais os pagamentos iranianos pelos suprimentos teriam sido processados.

Quantas pessoas já morreram só por causa destes medicamentos desaparecidos, e quantas milhares ou

dezenas de milhares de pessoas inocentes ainda vão morrer em consequência das sanções, não é discutido nos "meios de comunicação de qualidade" do Ocidente, que é tão "humanitário", afinal de contas. Pois a arma de destruição em massa "sanções" mata silenciosamente e as vítimas permanecem invisíveis para o público ocidental. As elites autoproclamadas do valor hipócrita do Ocidente podem viver bastante bem com as catástrofes humanas que causaram nos países afectados, desde que os eleitores em casa não tomem conhecimento dos seus crimes hediondos. Que isso não aconteça também é assegurado neste país por legiões de prostitutas dispostas a isso, da imprensa supostamente "livre".

No entanto, há um lampejo de esperança na forma da China e da Rússia de que afinal não é o fim da história. É isso que os apologistas da "Nova Ordem Mundial" tentam nos fazer acreditar há quase 30 anos, depois que o presidente americano George H.W. Bush lançou a globalização violenta e neoliberal em 1990/91. No entanto, entretanto, a resistência também está se formando no Ocidente graças a meios alternativos como KenFm e Nachdenkseiten ou Russia Today ou Sputnik.

Mas voltemos ao já mencionado diplomata alemão Hans von Sponeck, um homem de integridade humana. Durante vários anos foi responsável na ONU pelo programa iraquiano "Petróleo por Alimentos", entre outras coisas. Isto permite que o Iraque venda uma pequena quantidade de petróleo e use os lucros para comprar alimentos para a população. Embora isto tenha aliviado um pouco o sofrimento das massas, está longe de ser suficiente para cobrir as necessidades básicas dos 22 milhões de iraquianos. Até mesmo a organização amiga dos EUA "Human Rights Watch" tinha pedido ao Conselho de Segurança da ONU, no início de 2000, que levantasse a maioria das sanções impostas ao Iraque.

Von Sponeck já era o segundo chefe da agência de ajuda humanitária da ONU para o Iraque a demitir-se em protesto contra as sanções desumanas. O seu antecessor, o diplomata irlandês Denis Halliday, também tinha submetido a política de sanções a críticas devastadoras, porque matou pessoas inocentes em massa. O representante do Programa Mundial de Alimentação da ONU, Dr. Hannush, também declarou um ano antes, em 1999, após uma visita ao Iraque: "De acordo com minhas estimativas, desde a introdução do embargo, cerca de 1.200.000 iraquianos morreram como resultado. Isso é o equivalente a 10 bombas silenciosas de Hiroshima".

Até o ex-Procurador-Geral dos EUA Ramsey Clark, durante uma visita ao Iraque no início de 2000, descreveu as sanções económicas contra o Iraque como "as armas de destruição maciça mais perigosas do mundo". (Fonte: Jordan Times, 1/16/00, Autor: Amy Henderson) Clark tinha liderado uma delegação de 60 pessoas que tinha trazido medicamentos para o Iraque por cerca de 2 milhões de dólares. Todos os cidadãos americanos que participaram nesta verdadeira acção humanitária arriscaram uma multa de um milhão de dólares e/ou 12 anos de prisão ao abrigo da lei americana por terem quebrado o embargo.

Pessoas corajosas como von Sponeck, Denis Halliday ou Ramsey Clark, que tentaram aliviar a tragédia humana no Iraque, são então como agora um espinho do lado dos desumanos guerreiros "humanitários" dos EUA. George Bush Senior, como ex-chefe da CIA e presidente dos EUA quase de profissão, o humanista-chefe da comunidade de valores ocidental permaneceu mais ou menos ao mesmo tempo que Ramsey Clark na região do Golfo, mas na Base AHMAD AL-JABER, no Kuwait. Lá ele visitou seus corajosos "meninos" que, sem perigo para a própria vida ou saúde, largavam diariamente sua carga de bombas sobre o indefeso Iraque e já haviam matado muitas centenas de civis no processo. Ela elogiou Bush por isso em tons altos: "Estou tão feliz por estar aqui com você", Bush é citado pela agência de notícias AFP. E ele continuou: "Aos meus olhos estás a fazer aqui a obra de Deus". (Fonte: 19 Jan.2000 AFP, AHMAD AL-JABER AIR BASE, Kuwait)

Em contraste, pessoas como von Sponeck fazem tanto aos olhos do governo dos EUA na época quanto aos do trabalho do diabo puro de hoje.

Fontes:

1. <https://www.youtube.com/watch?v=bntsfiAXMEE>
2. <https://www.dw.com/en/eu-mechanism-for-trade-with-iran-now-operational/a-49407662>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar.

+++

Referência da imagem: [*serkan senturk*](#)/ Shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.


+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre possibilidades de suporte aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.

 BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK